



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS
HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL - EEDH

ANA ELISA ALVES DE SANTANA E SILVA

**EDUCOMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO PARA A DIVERSIDADE
ÉTNICO-RACIAL EM AMBIENTE ESCOLAR**

Brasília

2015

ANA ELISA ALVES DE SANTANA E SILVA

**EDUCOMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO PARA A DIVERSIDADE
ÉTNICO-RACIAL EM AMBIENTE ESCOLAR**

Monografia apresentada à Universidade de Brasília (UnB) como requisito para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural

Professor Orientador: Dr^a Larissa Medeiros Marinho dos Santos

Brasília – DF

2015

SANTANA, Ana Elisa Alves de.

Educomunicação na formação a diversidade étnico-racial: Uso dos meios de comunicação na quebra de estereótipos e combate ao racismo em ambiente escolar / Ana Elisa Alves de Santana. – Brasília, 2015.

46 f. il.

Monografia (especialização) – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia – EaD, 2015.

Orientadora: Profª Drª Larissa Medeiros Marinho dos Santos

ANA ELISA ALVES DE SANTANA E SILVA

**EDUCOMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO PARA A DIVERSIDADE
ÉTNICO-RACIAL EM AMBIENTE ESCOLAR**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural do (a) aluno (a)

Ana Elisa Alves de Santana e Silva

Dr^a Larissa Medeiros Marinho dos Santos

Professor-Orientador

Dr^a Patrícia C. Campos Ramos

Professor-Examinador

Brasília, 14 de novembro de 2015

À minha mãe, de quem herdei amor pela educação.

AGRADECIMENTOS

À orientadora, prof^a Dr^a Larissa Medeiros Marinho dos Santos. À tutora Mônica Padilha. A todos os professores que ricamente contribuíram nos módulos deste curso. À sempre solícita equipe do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

À professora Maria del Pilar Tobar Acosta pela generosidade e disposição no auxílio à realização deste trabalho. À direção e coordenação pedagógicas do Centro de Ensino Médio 01 de São Sebastião. Aos alunos que participaram das ações interventivas para minha pesquisa e me empolgavam a cada conversa e olhar.

À minha mãe, meu pai, meu irmão e família. Ao amigo Marcus Bringel, amigos e colegas de trabalho pelas conversas e ideias. Aos professores que passaram pela minha vida e deixaram inspiração para me transformar e buscar ser melhor.

*"As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo
melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos."*

Rubem Alves

RESUMO

Esta monografia relata a experiência e os resultados obtidos a partir do uso da Educomunicação na formação para a diversidade étnico-racial no Centro de Ensino Médio 01 de São Sebastião, cidade próxima a Brasília, no Brasil. Foram realizadas duas oficinas, a primeira com professores e a segunda com estudantes da instituição de ensino, e a partir delas obteve-se quatro produtos radiofônicos produzidos por alunos e uma mini-cartilha direcionada a professores. O trabalho foi inspirado no pensamento de educadores como Mario Kaplun e Ismar de Oliveira Soares, que consideram os meios de comunicação podem ser usados como fomentadores de um processo educativo transformador. Ao final, confirmou-se que os jovens podem superar expectativas quando deixados a vontade para criar e se expressar; e que ainda há muitos espaços a serem ocupados nas escolas, não só pela comunicação, mas por campos como a saúde, o direito ou o meio ambiente.

Palavras-chave: Educomunicação; diversidade; racismo;

ABSTRACT

This paper reports the experience and results obtained with Educommunication used to form students for ethnic and racial diversity in Centro de Ensino Médio 01, a high school located at São Sebastião, city near Brasília, in Brasil. Two workshops were held; the first one with teachers, and the second one with students; and from them it obtained four radio products produced by students and a little spelling book directed to the teachers. The work was inspired by the thought of educommunicators as Mario Kaplun and Ismar de Oliveira Soares, who consider the media can be used to develop a transformative educational process. In the end of the work, it was confirmed that the young people can exceed expectations when left free to create and express themselves; and that there are still many areas to be developed in schools, not only for communication, but for fields such as health, the law or the environment.

Keywords: Educommunication; diversity; racismo;

SUMÁRIO

1. PROBLEMATIZAÇÃO.....	11
2. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	12
3. OBJETIVOS.....	15
4. METODOLOGIA	16
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
6. AÇÕES INTERVENTIVAS.....	28
7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO INTERVENTIVO.....	33
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
9. REFERÊNCIAS.....	39
10. ANEXOS	41

1 PROBLEMATIZAÇÃO

O Brasil tem em vigor, desde março de 2003, a Lei de número 10.639, que insere no currículo escolar dos ensinos fundamental e médio o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira. Este é um fator considerado como avanço para os movimentos em defesa dos direitos dos negros: gradativamente, o ensino deste tema tem sido incorporado aos livros didáticos, e assim à rotina de estudos de crianças e adolescentes. No entanto, ainda há, 12 anos após sua promulgação, dúvidas e contradições quanto à efetividade de aplicação da lei.

De acordo com Jesus e Gomes (2013), as escolas sofrem de carência de formação, produção de material didático e paradidático específicos para a aplicação efetiva da Lei 10.639. Falta, também, maior investimento na formação inicial e continuada de professores de educação básica, ou intensificação de projetos já existentes na perspectiva da diversidade étnico-racial, “entendida como o principal elemento para uma mudança de práticas e posturas racistas” (2013, p. 93). Professores acabam desenvolvendo suas atividades relacionadas ao tema em épocas próximas às datas comemorativas de 13 de maio (Dia da Abolição da Escravatura) e 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), ou continuam o trabalho que já era feito, de forma empírica e intuitiva, ainda antes da aplicação da Lei.

Paralelamente a estas carências e demandas do ambiente escolar brasileiro, sabe-se que, com a internet e a popularização das redes sociais como o Facebook e Twitter, casos de racismo têm sido disseminados e debatidos com mais afinco nos últimos anos. Tal fato levanta o questionamento quanto à influência deste e de outros meios de comunicação na formação de cidadãos racistas ou conscientes a respeito da diversidade étnico-racial brasileira.

Há empresas que têm se preocupado em ter, em seus projetos publicitários, uma porcentagem ou dedicação à representação negra; bem como novelas têm incluído mais personagens negros, e estes não só em papéis secundários, como de empregadas domésticas ou criminosos, como ocorria outrora. No entanto, esta representação tem sido suficiente? Como observá-la de forma crítica e incentivar os alunos a fazer o mesmo? Que influência os meios de comunicação exercem sobre crianças e adolescentes e como se dá a formação delas para a diversidade, de acordo com os conteúdos a que elas são expostas? Como os professores podem introduzir em suas atividades pedagógicas produtos como filmes, cenas de novela, postagens na rede social Facebook e peças publicitárias para fim de conscientização sobre estereótipos e discriminação, ou até mesmo a elevação da autoestima de seus alunos negros e afrodescendentes?

2 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A tecnologia tem se tornado cada vez mais presente na vida de crianças e adolescentes, seja com o acesso em casa, em computadores, ou em outros locais, via dispositivos móveis. Segundo dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no estudo Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal¹, 75,7% dos adolescentes brasileiros com idades entre 15 e 17 anos utilizaram a internet em 2013. Entre crianças de 10 a 14 anos, o número é de 66,2% dos entrevistados com acesso. Porcentagem parecida também foi verificada quanto à quantidade de pessoas que tem aparelho celular para uso pessoal: são 49,9% das crianças de 10 a 14 anos; e 76,7% dos adolescentes entre 15 e 17 anos.

Diante dessa adesão, torna-se, portanto, um desafio para professores conseguir dividir a atenção de seus alunos com as possibilidades de comunicação que notebooks, tablets e telefones celulares oferecem. No entanto, estes equipamentos, em vez de inimigos, podem ser vistos como aliados para atividades diferenciadas em sala de aula. E neste contexto, temas como a diversidade étnico-racial podem ser incorporados à relativamente nova realidade, tanto na promoção da conscientização preventiva para a não-disseminação de preconceitos e estereótipos relativos às pessoas negras, quanto em momentos que possam ser considerados “crise”, como é o caso de ataques racistas por meio das redes sociais a algum aluno ou pessoa conhecida dos estudantes.

Neste sentido, a proposta deste trabalho é apresentar a professores a Educomunicação (uso dos meios e tecnologias de comunicação nos processos educativos), e mostrar as formas em que ela pode ser usada como ferramenta para trabalhar a diversidade étnico-racial com crianças e adolescentes. Educomunicação é uma vertente da comunicação que se une à educação e, segundo o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, coordenado pelo professor Ismar de Oliveira Soares, tem as metas de 1) integrar as práticas educativas ao estudo dos sistemas de comunicação, 2) criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, e 3) melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

À medida que seu “o objetivo principal é o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupo” (SOARES, 2004, p. 2), a comunicação é uma importante ferramenta para os processos educativos, uma vez que seus meios e a tecnologia provocam uma fácil identificação em relação a crianças e jovens. Segundo Rosina Duarte, “a sedução que os meios de comunicação exercem sobre as crianças

¹ Estudo realizado com base nos dados coletados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Divulgado em abril de 2015; disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93373.pdf>. Acesso em 20 de julho de 2015.

e adolescentes é o principal ingrediente da educação pela comunicação, também chamada de educomunicação” (DUARTE, 2002, p. 45).

Esta é uma área que tem muitas pesquisas realizadas no Brasil, e que oferece uma gama de possibilidades a para os educadores. Entretanto, muitos deles ainda não conhecem ou aplicam seus conceitos. Com a Educomunicação, os professores podem ajudar os estudantes a desenvolver um pensamento crítico relacionado à questão étnico-racial; tanto na representatividade que o negro tem nos filmes, novelas e demais produções, passando pela abordagem de notícias quando há negros envolvidos, até a presença (ou não) do negro em propagandas publicitárias. Tal percepção pode ajudar os estudantes negros a se reconhecerem importantes dentro da sociedade, apesar de pouco representados, além de despertar uma conscientização para o preconceito racial, podendo a partir dela diminuir a incidência de racismo no ambiente escolar. Este processo de observação e valorização do negro na escola é importante para, além de combater ao racismo, auxiliar os estudantes que são, de fato, negros, e estão em uma fase do desenvolvimento que é fundamental para a compreensão e formação de suas identidades.

Este trabalho é baseado na atividade de intervenção por meio da educomunicação em uma escola de Brasília, com estudantes dos anos finais do ensino fundamental ou que estejam cursando o ensino médio. A proposta é realizar atividades que envolvam três produtos provenientes da comunicação como objetos de estímulo para debate: uma notícia em um site, uma peça publicitária e um filme, todos eles envolvendo a temática da diversidade étnico-racial, casos de racismo e o combate a essas incidências, e a valorização das raízes afrodescendentes, bem como o processo de reconhecimento de jovens negros como tais.

Antes da atividade efetiva com os alunos, pretendeu-se apresentar aos professores alguns exemplos de atividades de educomunicação que já funcionam em outras escolas e iniciativas pelo país; além de estimular uma conversa sobre os conceitos deste campo de atuação e uma rápida oficina para a captação de possíveis ideias que possam vir delas. Esta etapa pode inspirar e influenciar o trabalho que será desenvolvido com os alunos deles futuramente.

A partir da exibição deste material para os estudantes, eles foram estimulados a conversar sobre os temas abordados naqueles materiais, e criar um produto comunicativo para a internet, no qual eles pudessem expor suas conclusões, fazendo uma análise crítica sobre a representação do negro nestes espaços, e lançando uma campanha contra o racismo praticado online e offline. Este produto pôde ser escolhido por eles; dando preferência à utilização de uma plataforma que ofereça possibilidade de publicação de diversos formatos, como um blog ou perfil na rede social Tumblr.

Com esta atividade de intervenção, esperava-se que os estudantes conseguissem levar

para o dia a dia os estudos da História e Cultura Afro-Brasileira, compreendendo sua importância e compreensão para a formação da diversidade cultural do país. A expectativa era de que, além disso, os professores envolvidos na atividade observassem e compreendessem o potencial que os meios de comunicação têm neste processo, bem como a efetividade que eles têm diante de crianças e adolescentes, para passar a incorporar cada vez mais suas possibilidades nos trabalhos realizados em ambiente escolar.

3 OBJETIVOS

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é, com base nas observações e coletas da atividade de intervenção, elaborar um material de análise e guia prático sobre a Educomunicação que possa ser utilizado para consulta e auxílio aos professores que desejam trabalhar em sala de aula utilizando a comunicação para os Direitos Humanos, com foco nas questões étnico-raciais, em especial na representação do negro nos meios de comunicação. Este material, que poderá ser apresentado em formato de minicartilha eletrônica, poderia ser elaborado inclusive com a ajuda dos professores participantes da atividade de intervenção.

Como objetivos específicos, pretendeu-se, com a atividade de intervenção, formar os professores teórica e tecnicamente a fim de que eles possam aplicar o uso dos meios de comunicação para a promoção dos direitos humanos, com foco na conscientização para a diversidade da cultura étnico-racial brasileira. A partir da atividade conduzida por eles, era esperado que eles pudessem se tornar multiplicadores da didática, estimulando outros colegas a utilizarem, em suas rotinas, métodos parecidos para o engajamento dos alunos.

Pretendeu-se, também, despertar nos estudantes, crianças e adolescentes, a sensibilidade para a influência e importância da cultura afro-brasileira para a formação dos cidadãos do país; reduzindo-se e se possível exterminando a incidência de casos de racismo no ambiente escolar. Era de fundamental importância, também, conseguir com a atividade fazer com que os alunos negros, sejam eles meninos ou meninas, se sentissem representados e ouvidos no processo, colaborando com a formação de sua identidade e para que eles tenham orgulho de suas raízes.

4 METODOLOGIA

A Proposta de Intervenção deste trabalho foi realizada no Centro de Ensino Médio 01 (CEM 01), da região administrativa de São Sebastião, no Distrito Federal, localizada a 26km do centro de Brasília. Segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) de 2013², a região tem mais de 97 mil habitantes, 58,2% deles imigrantes. Entre os moradores vindos de outras regiões do país, 61,7% são nordestinos. A PDAD mostra ainda que 45,06% dos habitantes é jovem de até 24 anos de idade, 71,41% se autodeclara pardo/mulato ou negro, e que renda domiciliar média na cidade é de R\$ 2.689,89 correspondente a 3,97 salários mínimos; uma renda per capita de R\$761,84.

A região administrativa foi criada oficialmente por lei de 1993, e sua população reflete uma realidade recorrente no DF: apenas 33,78% das pessoas empregadas trabalham em São Sebastião; e o restante precisa se deslocar às cidades vizinhas, retornando ao fim do expediente.

O CEM 01 foi construído em 1996, em região central da cidade de São Sebastião; é administrado pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, e funciona com aulas e atividades nos três turnos do dia. São 32 turmas e 1834 alunos, divididas em 16 turmas de 1º ano (695 alunos), 15 turmas de 2º ano (626 alunos) e 11 turmas de 3º ano (513 alunos). A escola tem 16 salas de aula, uma sala de recursos, uma sala de leitura, um laboratório de ciências, um laboratório de informática, um cineclube e um galpão multiuso, além de uma sala de ensino especial e duas quadras poliesportivas. E há 16 projetos e atividades desenvolvidos na instituição além das aulas convencionais; entre esses projetos pode-se citar clubes de leitura, olimpíadas escolares, apresentações musicais em língua inglesa e atividades de valorização cultural junto à comunidade.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, o objetivo da instituição é formar cidadãos críticos, participativos e criativos, aptos a tomarem decisões e fazerem escolhas e incentivar o respeito às diferenças, tornando a escola um espaço democrático que propicia vivências coletivas de valores éticos e culturais. Assim, acredita-se que a proposta de intervenção pensada para este Trabalho de Conclusão de Curso se encaixa bem no perfil de atividades já realizadas pelos educadores responsáveis, podendo ser um complemento para chamar a atenção e buscar mais engajamento dos alunos.

A intervenção foi desenvolvida em três etapas: a primeira delas realizada com professores, e a segunda, com alunos. A terceira etapa foi a elaboração de uma breve cartilha digital que poderá orientar outros professores a utilizar os conceitos e atividades destas

² Estudo realizado pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan). Disponível em <http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/PDAD/2013/S%C3%A3oSebasti%C3%A3o.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2015.

oficinas com seus alunos.

O trabalho foi realizado com o apoio da professora de Língua Portuguesa Maria del Pilar Tobar Acosta, mestra e doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB). Ela é também supervisora do Projeto Salto, subscrito ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) Letras e Português do Brasil como Segunda Língua da UnB; e gentilmente ofereceu um espaço dentro de seu projeto, no Salto ExtraMuros, para que fosse realizada a atividade desta proposta de intervenção.

4.1 Atividade com os docentes

A primeira etapa foi uma oficina com professores, na qual foram apresentados conceitos da Educomunicação, bem como exemplos de produtos que podem ser elaborados com os alunos. A partir desses exemplos, foram exibidos aos professores três materiais: um filme de curta-metragem chamado *Cores e Botas*, uma propaganda de cosméticos para cabelos cacheados e crespos, e duas notícias sobre um mesmo tema tratadas de forma diferente, ambas retiradas de um website.

O filme em questão é da cineasta Juliana Vicente e conta a história de Joana, uma criança que quer ser Paqueta, sonho comum a muitas meninas dos anos 80. Sua família é bem-sucedida e a apoia em seu sonho. Porém, Joana é negra, e nunca se viu uma Paqueta negra no programa da Xuxa. Com o curta-metragem, pretendeu-se falar sobre os padrões estéticos que são apresentados e muitas vezes impostos pela televisão; estimulando um debate sobre a evolução da mídia brasileira dos anos 1980 até os dias atuais, solicitando que os presentes citassem casos em que pessoas negras são protagonistas em novelas e filmes, e se sim, que papéis sociais esses protagonistas exercem: são empresários, médicos, advogados, ou prestadores de serviço e criminosos?

As notícias que foram utilizadas são do website G1, das Organizações Globo, e retratam uma informação semelhante de forma distinta: a prisão de portadores de drogas ilícitas. Na primeira, veiculada em 17 de março de 2015, o título é "Polícia prende traficante com 10 quilos de maconha em Fortaleza". A segunda, publicada 10 dias depois, em 27 de março de 2015, traz o título "Polícia prende jovens de classe média com 300 kg de maconha no Rio". O objetivo na análise desses dois textos era estimular nos participantes da oficina uma análise crítica da mídia por meio da pergunta: Por que uma notícia trata o preso como traficante e a outra não, se no caso dos jovens de classe média a quantidade de droga apreendida é superior?. Com isso, buscou-se refletir sobre a influência que estereótipos e preconceitos da sociedade exercem sobre quem está fazendo o jornalismo, e também o

caminho contrário: como o que é veiculado em tevês, rádios, sites e demais veículos de comunicação pode reforçar situações de discriminação.

A propaganda de cosméticos para cabelos cacheados e crespos é da empresa Garnier e está em veiculação desde o primeiro semestre de 2015. No vídeo que foi exibido, o objetivo é, além de vender o produto, claro, mostrar a importância que os cachos têm para a identidade das mulheres, ressaltando a beleza deles, independente de padrões estéticos pré-definidos pela sociedade. Com o vídeo, em complemento ao curta-metragem *Cores e Botas*, pretendeu-se mostrar a importância da representação do negro e valorização de suas características em produtos midiáticos para que eles próprios se sintam valorizados e cultuem sua cor, seus traços e cabelos, respeitando suas ancestralidades e a cultura de que ela é carregada.

Apenas para os professores, foi exibido um quarto vídeo, uma entrevista do projeto Empoderadas³ feita com MC Soffia, uma menina negra que fala sobre como se compreendeu negra e a partir de então passou a usar o rap e o grafite para falar de sua cor e seu cabelo. O objetivo deste vídeo é mostrar, com o depoimento da menina, como as crianças precisam de uma representação e como é importante falar das raízes delas, como negras, desde a infância.

Após o debate com professores, foi realizada uma breve oficina de rádio, com apresentação dos formatos spot, vinheta e radionovela; e manuseio do software Audacity, um editor gratuito de áudios que pode ser utilizado em sala de aula para a produção de materiais com e pelos alunos, concluindo-se assim a atividade de educomunicação. O objetivo era fazer com que os professores se sintam à vontade para estimular e desenvolver atividades junto aos alunos que tenham a comunicação como ferramenta e suporte.

4.2 Atividade com os alunos

Com os alunos, a oficina teve os mesmos moldes; entretanto com atividades reduzidas: inicialmente, foram excluídos os momentos de apresentação da Educomunicação como prática pedagógica, e a exibição da entrevista com a MC Soffia, pois estes são mais interessantes para os professores como suporte à atividade.

A ideia inicial era que alguns dos professores participantes da primeira oficina estivessem presentes na atividade com os alunos, para que pudessem auxiliar na realização do trabalho, já colocando em prática o que foi passado no primeiro momento.

Em um primeiro momento, foram exibidos o filme curta-metragem, a propaganda de cosméticos e as duas notícias já citadas, e foi mediado um debate sobre esses materiais,

³ Projeto que publica entrevistas no Facebook e fala de mulheres negras que podem inspirar e influenciar outras mulheres negras a reconhecerem a importância e beleza de seus traços. Disponível em <https://www.facebook.com/programaempoderadas/videos/1663561450546748/>. Acesso em 13 de agosto de 2015.

buscando ouvir dos alunos o que eles entendem e concluem a respeito do que foi passado e como eles levam aquelas questões para o cotidiano deles. Então, houve uma breve apresentação, também, do Audacity e dos formatos possíveis para o rádio: spot, vinheta e radionovela. Feito isso, o objetivo é que os estudantes criem seus próprios produtos, no formato desejado, para mostrar o que pensam sobre a discriminação racial.

Para ambos os grupos, os materiais utilizados foram: computador, projetor, caixas de som, internet, pen drive, gravador de áudio (de celular) e software Audacity.

4.3 Cartilha

A terceira etapa foi realizada pela criadora deste projeto, com base nos resultados obtidos nos dois dias de oficina. A cartilha eletrônica tem formato PDF, para que seja de fácil acesso e distribuição. Nela estão explicados os conceitos básicos da Educomunicação, com sugestões de como os professores podem utilizar esses conhecimentos em suas atividades docentes.

4.4 Cronograma

Ambas as atividades interventivas, com professores e alunos, foram realizadas em um período de três a quatro horas, em dias separados, durante o mês de agosto de 2015; datas disponíveis no calendário escolar de acordo com a coordenação pedagógica da escola. As datas foram:

- Oficina com docentes: 18 de agosto de 2015, das 14h às 17h
- Oficina com estudantes: 28 de agosto de 2015, das 14h às 18h
- Elaboração de cartilha sobre Educomunicação: de 31 de agosto de 2015 a 6 de setembro de 2015

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 Educomunicação e juventude no século XXI

Conceito relativamente novo, a Educomunicação é um campo de trabalho possível para educadores no qual utilizam-se diversos meios de comunicação como ferramentas pedagógicas nos processos de ensino. Os estudos neste campo se iniciaram nos anos 1990, quando o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP) realizou, entre 1997 e 1999, a pesquisa *Perfil do Educomunicador*. O projeto foi liderado pelo professor Ismar de Oliveira Soares, que é tido atualmente como o maior pesquisador brasileiro da área, sendo reconhecido inclusive internacionalmente por seus estudos na inter-relação entre a Comunicação e a Educação.

Segundo a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom), no entanto, o termo *educomunicação* já aparecia em discussões da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) desde os anos 1980 para definir ações de comunicação voltadas para a educação, e também o caminho contrário. Na mesma década, o argentino Mario Kaplun utilizava o termo *educomunicador* ao falar sobre o comunicador que atua nas práticas de comunicação alternativa na América Latina. Ele "concebia os meios de comunicação como instrumentos de educação popular e fomentadores de um processo educativo transformador" (BONA, CONTEÇOTE e COSTA, 2007, p. 180).

A pesquisa realizada pelo NCE sobre o profissional de educomunicação aponta que um educomunicador é aquele que pode elaborar diagnósticos e coordenar projetos em que a comunicação e a educação promovam trocas entre si. Segundo Soares (1999), nesta área destacam-se as atividades de "implementação de programas de educação para a comunicação, (...) e o assessoramento a educadores no adequado uso dos recursos da comunicação, como instrumentos de expressão da cidadania". Com base neste raciocínio, compreende-se que a utilização de instrumentos da comunicação em ambiente escolar pode ser tratada como a abertura de mais um espaço de voz dos estudantes; pelo qual eles podem falar e ser ouvidos sobre seus anseios, conflitos e aprendizados; promovendo assim um intercâmbio entre eles próprios e também com os professores, coordenação e direção de suas escolas; além da comunidade, a depender do perfil do projeto desenvolvido na instituição de ensino.

Esta conversa estimulada dentro do ambiente escolar provoca o movimento que se assemelha ao conceito da Comunicação Comunitária (ou Comunicação Popular), na qual integrantes de um mesmo contexto entram em contato, por meio de movimentos populares ou não, realizando discussões que são de seu interesse direto. Esta prática, segundo Cicília

Peruzzo, traz uma proposta de transformação que possibilita construir uma nova sociedade por meio da participação dos cidadãos, que deixam de ser apenas receptores da informação:

A comunicação popular, ao abordar temas locais ou específicos, tende a despertar o interesse por parte da audiência, pelo fato de o conteúdo e os personagens terem relação mais direta com as pessoas. Os programas não são espetáculos a que se assiste, mas dos quais se participa, o que leva a incrementar o processo de construção das identidades e de cultivo dos valores históricos e culturais (PERUZZO, 2004, p. 157).

Devemos considerar a importância de promover diferentes estímulos para que crianças e adolescentes, por estarem em processo de desenvolvimento, autoconhecimento e autoafirmação, possam ser submetidos para que cheguem à fase adulta conscientes de suas personalidades e de seus papéis como cidadãos na sociedade.

Em estudo que realizou sobre a imagem do jovem na mídia, especialmente na televisão, Candau (1990) concluiu que a juventude brasileira é representada de forma genérica e descontextualizada; portanto, este meio de comunicação é um dos “principais agentes da percepção presente na opinião pública do jovem como seres inevitavelmente programados para comportamentos desviantes que ameaçam a integridade social” (*apud* MATTOS, 2010, p. 139). A possibilidade de dar voz a esses jovens por meios audiovisuais imprime visibilidade às suas histórias, e promove o protagonismo de suas vidas, “além de permitir ao outro conhecer sua realidade, sua cultura, espelhar-se” (COUTO, 2008, p. 102).

Ter contato com a comunicação não só exercendo a função de receptores promove uma mudança de comportamento nesses jovens: eles passam a fazer análises mais críticas sobre seus ambientes a partir do momento que atuam como protagonistas na produção dos produtos comunicativos em seus diferentes formatos. Segundo Couto (2008), este movimento em que o jovem pratica a sua autoria é uma prática política e de linguagem e, sobretudo, um exercício de cidadania: os jovens que estavam silenciados “ganham vez e voz, mostram o que são e o que pensam. E parece que fazer-se visível socialmente é um modo novo de exercer politicamente seus direitos” (p. 102).

O educador Rubem Alves defende a educação que deixa os jovens livres em atividades pedagógicas para que eles se desenvolvam, fazendo o aforismo “há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas” (2012), onde ele compara estudantes a pássaros. Para ele, escolas que são gaiolas não formam cidadãos independentes.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros

engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo (ALVES, 2012, p. 29).

O Brasil tem desde 2013 o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/13), que torna a realização de políticas especialmente dirigidas às pessoas entre 15 e 29 anos uma obrigação do Estado, independente da vontade de seus governos. O documento aponta os direitos que devem ser garantidos a esta população: o direito à cidadania, à participação social, e política e à representação juvenil; direito à educação; direito à profissionalização, ao trabalho e à renda; direito à diversidade e à igualdade; direito à saúde; direito à cultura; direito à comunicação e à liberdade de expressão; direito ao desporto e ao lazer; direito ao território e à mobilidade; direito à sustentabilidade e ao meio ambiente; direito à segurança pública e o acesso à justiça⁴.

Esta é a primeira legislação brasileira que assegura à juventude o direito à comunicação para além do direito à informação. Em seu Artigo 26, o documento diz que "o jovem tem direito à comunicação e à livre expressão, à produção de conteúdo, individual e colaborativo, e ao acesso às tecnologias de informação e comunicação"; abrindo caminho para o diálogo necessário para a compreensão da juventude; especialmente na era digital em que nos encontramos no século XXI, quando boa parte das crianças e adolescentes tem uma relação próxima e fluida com as tecnologias:

A chamada geração digital só pode ser convenientemente compreendida à luz de outras mudanças, como por exemplo a economia política da cultura juvenil, as políticas sociais e culturais, as práticas para regular a vida dos jovens e as realidades dos seus contextos quotidianos (BUCKINGHAM, 2008, p. 14 *apud* PONTE, 2010, p. 53).

Assim, o Estatuto reafirma o direito que os jovens têm de informação e expressão, e também define medidas para que os pontos de vista dos jovens sejam difundidos, como a inclusão digital e o oferecimento de equipamentos públicos que promovam o seu direito à comunicação:

Art. 27. A ação do poder público na efetivação do direito do jovem à comunicação e à liberdade de expressão contempla a adoção das seguintes medidas:

I - incentivar programas educativos e culturais voltados para os jovens nas emissoras de rádio e televisão e nos demais meios de comunicação de massa;

II - promover a inclusão digital dos jovens, por meio do acesso às

⁴ Documento disponível em <http://juventude.gov.br/estatuto/estatuto-de-bolso>. Acesso em 02 de setembro de 2015.

novas tecnologias de informação e comunicação;

III - promover as redes e plataformas de comunicação dos jovens, considerando a acessibilidade para os jovens com deficiência;

IV - incentivar a criação e manutenção de equipamentos públicos voltados para a promoção do direito do jovem à comunicação; e

V - garantir a acessibilidade à comunicação por meio de tecnologias assistivas e adaptações razoáveis para os jovens com deficiência.

No contexto do atual século, o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) acontece em velocidade potencializada e os jovens adquirem cada vez mais afinidade com os meios de comunicação, especialmente os digitais, devido ao acesso relativamente facilitado e ao uso intuitivo – resultado do cada vez mais recorrente contato que se tem desde a primeira infância com tablets e smartphones. O cenário é favorável especialmente para mídias digitais, que “favorecem a integração de linguagens, que são mais acessíveis e interativas – de muitos para muitos – e por isso mesmo podem promover uma atuação ativa por parte do receptor” (COUTO, 2008, p. 102).

A Educomunicação aparece, portanto, como uma opção interessante e viável para o cumprimento do que diz o Estatuto da Juventude, contribuindo assim para o desenvolvimento dos potenciais comunicativos e criativos dos jovens; colaborando para a sua formação.

5.2 Direitos Humanos e ações afirmativas contra o racismo

O Brasil conta com a maior parte de sua população negra ou parda, de acordo com as declarações à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)⁵, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE): os dados do estudo mais recente, de 2011, mostram que 45% das pessoas no país se declaram pardas, e 7,9% delas se consideram pretas. Com isso, a população negra, que soma pretos e pardos segundo definição do IBGE, corresponde a 52,9% dos brasileiros. A maioria da população não garante, no entanto, proteção contra atos discriminatórios e racistas a esta população, que ainda hoje sofre com o histórico de marginalização e exclusão iniciado no período do Brasil Colônia. Os preconceitos existem mesmo com a forte disseminação e presença no cotidiano de elementos advindos da cultura negra, como a feijoada, na culinária, o samba, na música, e a capoeira, no esporte.

A partir da implantação do regime escravista, aos olhos das elites brasileiras aos aspectos referentes às culturas africanas passaram a representar o exótico e o estranho, não sendo levados em conta como um fator, entre outros, de formação de nossas identidades (PEREIRA,

⁵ Pesquisa completa disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv61566.pdf>. Acesso em 05 de setembro de 2015.

2007, p. 22).

Estudiosos e até mesmo parte da população negra consideram que a sociedade brasileira tem uma dívida com os afrodescendentes. Aos poucos, as lacunas históricas são reparadas com ações afirmativas que buscam garantir direitos, além de coibir ou punir crimes de ódio, preconceito e racismo contra esta parcela dos brasileiros.

Sancionado em julho de 2010, o Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/10⁶) talvez seja o mais importante marco na luta pelo respeito à diversidade afrodescendente no país. A lei estabelece um conjunto de regras com o objetivo de garantir à população negra “a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”.

Com esta legislação, pode-se exigir do Estado medidas concretas para a proteção e promoção dos direitos dos afrobrasileiros. Ela funciona de certa forma como uma regulamentação da Constituição, que estabelece, em seu artigo 5º, que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”⁷.

No âmbito da Educação, o Brasil tem a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012⁸) que foi sancionada em agosto de 2012 e até o fim de 2015, ou seja, em três anos, terá garantido cerca de 150 mil vagas para estudantes negros em cursos superiores de universidades e institutos federais, segundo a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (Seppir)⁹. A medida tem mudado gradativamente a “cor” do estudante universitário brasileiro, que antes era predominantemente branco. O percentual de vagas para cotista tem aumentado a cada ano: de 33% em 2013, primeiro ano de aplicação da lei, passou para 40% no ano seguinte e deve atingir a meta, de 50%, em 2016. O número de jovens negros que ingressaram no ensino superior nos três primeiros anos de aplicação da legislação foi de mais de 111 mil.

Ações como a Lei de Cotas são importantes para que os jovens negros, em sua maioria pertencentes às camadas mais pobres da população, tenham condições de acessar a qualidade que a educação superior pública e gratuita oferece; pois antes desta oportunidade a opção que

⁶ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm. Acesso em 08 de setembro de 2015.

⁷ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 08 de setembro de 2015.

⁸ Disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm. Acesso em 08 de setembro de 2015.

⁹ Dados disponíveis em <http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/noticias/lei-de-cotas-nas-universidades-completa-tres-anos>. Acesso em 8 de setembro de 2015.

lhes restava era o ensino privado, no qual poucos conseguiam bolsas ou financiamentos; e havia dificuldades ou nenhuma condição para fazer o pagamento de mensalidades e chegar, assim, ao fim da graduação. Com o passar do tempo, poder-se-á a médio e longo prazo perceber alterações também na renda dessas pessoas e suas famílias; uma vez que a consequência do acesso à educação superior poderá ser um melhor posicionamento no mercado de trabalho.

Ainda no campo da Educação, temos a Lei 10.639, já citada neste trabalho, que estabelece a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Mais do que uma lei, essa legislação representa o estabelecimento de políticas afirmativas que permitem à sociedade brasileira reconhecer sua dívida com os africanos e seus descendentes e demonstra que a sociedade e o Estado brasileiro iniciaram – ainda que com atraso – uma revisão nos valores que elegeram como legitimadores de suas estruturas (PEREIRA, 2007, p. 62).

É necessário, portanto, atentar-se para que suas disposições atinjam o objetivo de promover a justiça social nesse aspecto; chamando especial responsabilidade para o papel das instituições de ensino neste processo. “(...) a escola é chamada a participar deste enredo social, já que muito do que ela é decorre de suas relações com a sociedade e o Estado” (Ibidem, 2007, p. 62).

5.3 Educomunicação contra o racismo

Diante das disposições expostas na Lei 10.639 e no perfil de crianças e adolescentes que encontram-se atualmente em idade escolar, pode-se afirmar que a união da comunicação às ações afirmativas e educativas para a promoção da diversidade cultural e combate ao preconceito racial é uma combinação quase óbvia dentro do ambiente escolar.

Ser jovem no Brasil contemporâneo é, segundo Novaes (2010), se ver imerso, por opção ou por origem, em uma multiplicidade de identidades, posições e vivências. A diversidade cultural se reflete, claro, nas crianças e jovens, por isso esse contexto faz emergir a importância de se reconhecer a presença de diversas juventudes, “compondo um complexo mosaico de experiências que precisam ser valorizadas no sentido de se promover os direitos dos/das jovens” (Ibidem, p. 5 *apud* Ferreira e Magalhães, 2010, p. 160). Este cenário, que pode inicialmente parecer uma dificuldade para se trabalhar em uma instituição de ensino, na verdade é um convite para a realização de debates e ações que poderão levar à superação de situações de discriminação. Conforme diz Pereira (2007), “a inserção de valores que dão forma e sentido às culturas afrodescendentes contribui para gerar práticas pedagógicas que

atendam não só aos interesses dos afrodescendentes, mas dos diferentes atores do processo ensino-aprendizagem.”. (p. 54).

Paulo Freire afirma, no livro *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 1996), que ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição qualquer forma de discriminação. Essas ações são, segundo ele, parte do que define como “pensar certo”:

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. (...) Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita nossa caminhada até o ridículo e a insensatez (FREIRE, 1996, p. 36).

E as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) têm o papel, na escola, de auxiliar os professores neste processo. Quando se fala sobre os jovens que já nasceram conectados a elas, a mobilidade e a conectividade não são conquistas tecnológicas recentes; para eles, elas são parte natural do mundo (HOINEFF, 2007). Essa geração também se mostra receosa em relação à informação que vem da radiodifusão, e mais confiante no que seus semelhantes dizem – sejam eles familiares e amigos próximos, ou conhecidos *virtuais* que participam de comunidades por afinidades em comum, como o gosto musical parecido:

Cerca de 32% dessa turma confia plenamente no que está sendo postado por outra pessoa, individualmente – tanto em blogs quanto em sites de compartilhamento. Sejam indicações culturais, informações objetivas ou relatos de experiências. A confiança no que está sendo dito pela mídia é bem menor (HOINEFF, 2007 *apud* MATTOS, 2010, p. 140).

Assim, o cenário é favorável para o estímulo à leitura dos meios de comunicação de massa e, mais do que isso, à produção de conteúdo por eles próprios. Posicioná-los como protagonistas de suas informações significa estimular a pesquisa, o pensamento crítico e a criatividade, além de atender ao anseio da juventude que tem a necessidade de se afirmar e entender a forma que quer se comunicar com o mundo:

Na apropriação da palavra evidencia-se a necessidade de recorrer à informação ao conhecimento e, assim, propiciar uma explicação diferente daquelas produzidas pelos grandes veículos formadores da

opinião pública que asseguram uma certa homogeneidade das interpretações: a cultura juvenil afirma com força as necessidades comunicativas, mas reivindica também o direito de decidir quando e com quem se comunicar (SPOSITO, 2000, p. 85 *apud* FERREIRA e MAGALHÃES, 2010, p. 164).

Os diversos Brasis guardam entre si diferenças que se tocam e apontam para inúmeras possibilidades de diálogos (FERREIRA, 2007). Para que o preconceito e a discriminação racial sejam vencidos na sociedade, é necessário que as características que trazemos e incorporamos da cultura africana sejam vistas como “fios no interior de um tecido cultural amplo e denso que se espraia através da sociedade brasileira, contribuindo para que, através de um jogo entre diferentes culturas, esta sociedade seja reconhecida como tal” (p. 59).

Nesta missão, a escola, local de fundamental papel na formação e desenvolvimento de seres humanos como cidadãos e integrantes da sociedade, é chamada para atuar como condutora, conforme defende Dayrell (2008), “é tarefa do poder público e dos educadores implementar práticas e políticas para as juventudes que valorizem e estimulem as múltiplas dimensões culturais e artísticas, dando-lhes condições materiais e financeiras para se expandirem” (*apud* FERREIRA e MAGALHÃES, 2010, p. 167).

6 AÇÕES INTERVENTIVAS

6.1 Oficina com os docentes

As atividades interventivas deste trabalho foram realizadas em duas etapas: a primeira delas, com professores do Centro de Ensino Médio 01 (CEM 01) de São Sebastião, no período da tarde do dia 18 de agosto de 2015.

A oficina contou com 13 professores da escola, entre eles a professora Maria Del Pilar Tobar Acosta, que é supervisora do projeto Salto – dentro do qual a atividade se encaixou. Participaram educadores de diversas disciplinas, a maior parte de Ciências Humanas e Linguagens como Sociologia, Filosofia, História, Geografia, Língua Portuguesa e Língua Inglesa, inclusive o coordenador pedagógico e a diretora da instituição. Havia, também, professores de Química e Matemática.

A expressão “Educomunicação” era uma novidade para todos os docentes participantes. A oficina se iniciou com a explicação de atividades que poderiam ser realizadas com essa vertente da Educação e da Comunicação, e logo em seguida falei sobre como a união desses dois campos do conhecimento pode ser utilizado em ações afirmativas contra o racismo dentro de ambiente escolar.

Segundo relato da professora Maria del Pilar, a escola já teve casos de racismo contra estudantes que têm o cabelo crespo ou que usam turbantes. Já houve, também, situações em que educadores não souberam lidar corretamente com situações do tipo. As atividades mais intensivas em prol da Diversidade no que diz respeito à Consciência Negra na escola são concentradas em épocas próximas de datas comemorativas; como é uma realidade em muitas escolas do país com a questão dos povos indígenas, por exemplo. Neste sentido, a oficina trouxe a possibilidade de reflexão dos professores quanto à sua postura diante dos estudantes que estão em idade de desenvolvimento e; portanto, formação de suas identidades e conceitos em relação ao mundo e suas origens.

O debate foi bastante produtivo com base no material apresentado: as duas notícias sobre tráfico de drogas que foram comparadas causaram espanto e perplexidade por parte de alguns dos presentes; enquanto o filme *Cores e Botas* alimentou a discussão sobre a representação do negro na mídia nas décadas 1980 e 1990. Houve identificação com o filme por se tratar de uma trama ambientada em um período em que parte dos professores tem idade coincidente com a da personagem principal do filme, que deseja ser Paqueta da Xuxa mas é impedida devido à cor de sua pele. A apresentação da reportagem feita pelo projeto Empoderadas sobre a MC Soffia, assim como a propaganda de produtos para cabelos cacheados da marca Garnier, também contribuiu para a conversa entre os professores: com

ela, lembrou-se também de uma antiga propaganda da marca de produtos Seda, em que os pelos da juba de um leão eram “penteados”, porque assim se entendia que eram mais bonitos; ao contrário de seu formato natural.

Compreendi, pelo engajamento na discussão, que a estética dos cabelos afro é um tema muito sensível a pessoas passando pela adolescência; e que mais reflexões e debates sobre este tema são uma demanda muito grande em ambiente escolar, especialmente de escolas localizadas em regiões periféricas, onde há muitas pessoas de origem afrodescendente.

Com a apresentação de modelos de produtos radiofônicos que podem ser produzidos pelos alunos, alguns professores comentaram ideias que poderiam ser implementadas na escola: a professora Maria Patrícia de Barros, de Sociologia, pensou na produção de materiais para o Dia da Consciência Negra que poderiam ser transmitidos para toda a escola durante uma semana. O CEM 01 dispõe de uma rádio; mas nela são reproduzidas apenas músicas comerciais sugeridas pelos próprios alunos. O coordenador pedagógico, Eraldo Gonçalves Dias, afirmou que é totalmente viável transmitir outros conteúdos em momentos como o intervalo ou a entrada e saída dos alunos.

O tempo total da oficina foi de aproximadamente duas horas e meia, e não foi possível, por limitação do tempo e também de equipamento (falta de computadores para todos os professores ou pequenos grupos), fazer a última parte da oficina, que consistia em ensinar, de forma prática, como fazer edições simples no programa Audacity. Acredito que seria necessário dispor de outra tarde com o mesmo tempo para a realização desta etapa da atividade; o que infelizmente não foi possível devido à dificuldade para reunir todos os professores, e também de conciliar a agenda da escola com a minha.

6.2 Oficina com os estudantes

A segunda parte desta ação interventiva foi realizada com estudantes 10 dias depois da primeira oficina, em 28 de agosto de 2015, também no período da tarde. Ao contrário do inicialmente planejado, não apenas estudantes do Centro de Ensino Médio 01 de São Sebastião participaram da atividade: foram convidados alunos do curso de Letras do Instituto Federal de Brasília – campus São Sebastião (IFB São Sebastião). Ao todo, cerca de 40 pessoas estiveram na oficina.

Apesar do perfil dos estudantes do IFB São Sebastião ser um pouco diferente do perfil dos estudantes do CEM 01, especialmente pela idade – enquanto os alunos de ensino médio tinham entre 15 e 17 anos, nos estudantes Letras tinham uma média de 20-22 anos –, optei por não mudar forma de abordagem inicialmente pensada para esta atividade. Tal fator não alterou o andamento em nenhuma das etapas de trabalho.

Conforme planejado, iniciei a oficina levantando um debate sobre mídia, em especial sobre os conteúdos transmitidos pela televisão por ser o meio mais popular e acessível à população atualmente. As respostas foram variadas, no entanto a maior parte crítica: os estudantes presentes tendiam a não ter plena confiança no que recebem pelos meios de comunicação. Em um segundo momento, perguntei como eles enxergam a presença de pessoas negras na televisão e no cinema. A reação foi praticamente unânime: os alunos consideram a participação de pessoas negras muito pequena, e associada a imagens negativas como criminosos ou papéis secundários nas tramas, como empregadas domésticas.

Feita a reflexão, o passo seguinte foi apresentar as notícias do G1 para os alunos, seguidas do filme *Cores e Botas* e também da propaganda de produtos da Garnier. A participação dos alunos no debate foi além do que imaginei: houve engajamento e o estabelecimento de relação entre os materiais apresentados. Ao contrário do que imaginei no início, a participação dos alunos do CEM 01, adolescentes, foi menos tímida do que a participação dos estudantes do IFB São Sebastião.

Feito o debate; apresentei aos alunos participantes uma breve explicação sobre comunicação, linguagem no rádio e os formatos de produtos radiofônicos possíveis, além de seus complementos (efeitos sonoros, vinhetas):

- Jingle - música usada para uma campanha, no rádio ou na televisão;
- Radionovela – trama comum na televisão, no entanto adaptada para o rádio com os recursos necessários para suprir a falta da imagem, como músicas de fundo e efeitos sonoros;
- Spot – formato de áudio prático que transmite uma mensagem. Pode também ter o uso de efeitos sonoros e passar a mensagem de forma simples, ou como uma radionovela reduzida;
- Notícia - formato que estamos acostumados a ver na TV, ler no jornal ou ouvir no rádio. Pode ser um boletim; quando há apenas informação do repórter; pode ter sonora (entrevista de uma fonte acrescentada ao boletim); e pode ainda ser um link; quando há participação de um repórter ao vivo diretamente de um local fora do estúdio da rádio.

Os alunos demonstraram familiaridade com o rádio – para além do simples ato de ouvir música; mostraram-se ambientados ao formato de notícia, por exemplo –, e por este

motivo não tive dificuldades nesta etapa; a apresentação dos exemplos selecionados para o momento foram suficientes. Com isso, passamos à parte prática da oficina.

Os cerca de 40 alunos se dividiram em grupos com 7 ou 8 integrantes; e foi proposto que eles escolhessem um dos formatos de produto radiofônico para trabalhar, transmitindo uma mensagem sobre o que foi debatido a respeito de mídia e preconceito racial na primeira etapa da oficina. Houve dois grupos formados exclusivamente por alunos do CEM 01, dois grupos com alunos do IFB São Sebastião, e um grupo misto, com estudantes de ambas as instituições.

Os formatos escolhidos foram variados: houve dois spots, sendo um deles em formato parecido à radionovela; uma notícia, um link e um jingle em forma de rap. Os participantes foram estimulados a gravar os seus textos nos próprios celulares, afim de compreender que é possível produzir comunicação de forma simples, com os materiais que eles têm à mão.

Apesar de haver a intenção inicial de que os alunos fossem produtores em todas as etapas até o fim do processo, não houve tempo suficiente para realizar a edição dos áudios com os participantes da oficina. Para fazer isso em outro momento, conversei com representantes de cada grupo para compreender o roteiro e a ideia, e transferei os arquivos para o meu computador. Neste procedimento, infelizmente o arquivo do jingle foi corrompido e se perdeu. Os demais foram editados e publicados, junto a um texto por mim elaborado, no blog do Projeto Salto que é mantido pela professora Maria del Pilar Acosta com foco nas atividades realizadas para e pelos estudantes. A ideia do texto foi de apresentar aos estudantes o resultado, além de explicar para eles alguns dos conceitos trabalhados na atividade (novamente para quem participou, e pela primeira vez para quem não esteve presente, mas que por ventura tenha se interessado)¹⁰.

Inicialmente, o planejado era que alguns dos professores participantes da primeira oficial pudesse participar também da segunda, acompanhando o trabalho dos estudantes e colocando em prática um pouco do que foi passado na atividade voltada aos docentes. No entanto, foi verificada uma dificuldade na articulação com os professores no sentido de conciliar agendas e grades de horários da escola com as atividades. Devido a isso, contei com a ajuda apenas da professora Maria del Pilar, e também com o auxílio técnico de algumas monitoras.

6.3 Cartilha

A cartilha¹¹ voltada para os professores foi elaborada como um resumo do que foi

¹⁰ Anexo 2

¹¹ Anexo 1

falado na oficina a eles direcionada. Ela foi base para a elaboração do texto voltado aos alunos que foi enviado para publicação no blog da escola. Como forma de divulgação do material, solicitei que a cartilha fosse distribuída aos professores da instituição de ensino por lista de e-mail.

Para registro, a atividade com os professores foi gravada em áudio, e a oficina com os estudantes foi registrada em fotografias¹². Para ter um retorno sobre a ação interventiva, pedi à professora Maria del Pilar Acosta que respondesse a algumas perguntas. Entendi que ela seria a pessoa mais indicada para fazer essa avaliação, uma vez que participou dos dois momentos: as atividades com os professores e com os alunos.

¹² Anexo 3

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO INTERVENTIVO

O CEM 01 de São Sebastião é uma escola com uma boa estrutura física e de equipamentos; o que a torna um ambiente favorável à realização de atividades extracurriculares – na instituição já são desenvolvidos, inclusive, muitos projetos além do conteúdo obrigatório. Quanto à estrutura, não houve problemas para a realização das ações interventivas que eram o objetivo deste trabalho de conclusão de curso.

A primeira oficina, realizada com os professores, correu de acordo com o planejado; falhando apenas na quantidade de tempo que inicialmente pensei ser suficiente. A atividade foi realizada em um horário de coordenação pedagógica dos professores, que foi gentilmente cedido diante da minha solicitação. Em situações normais, no entanto, há dificuldade para conciliar os horários dos professores e conseguir realizar trabalhos em conjunto.

A maior parte dos professores demonstrou interesse durante toda a oficina, fazendo colocações interessantes no debate, e acatando as sugestões que fiz a respeito de caminhos para a aplicação da Educomunicação no ambiente de trabalho deles. Houve, inclusive, a ideia de fazer trabalhos em áudio para a semana da Consciência Negra da escola, em que o material produzido pelos alunos poderia ser apresentado a todos da escola durante os horários de intervalo. A escola dispõe de equipamento de som e caixas instaladas por todos os pátios e corredores, no entanto, segundo o coordenador pedagógico, são usadas apenas para a execução de músicas sugeridas pelos alunos; nenhuma delas com relação a alguma atividade de dentro ou fora do currículo escolar.

Acredito que seja importante estimular, nos professores, cada vez mais a realização de atividades que saem do padrão das aulas consideradas “comuns”. A Educomunicação pode entrar nesse processo como facilitadora do diálogo entre a educação e diversos campos como o direito ou o meio ambiente, possibilitando assim, segundo Soares (s.d.) a criação de “ecossistemas comunicativos”. Nos espaços educativos, esses ecossistemas seriam capazes de “cuidar da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação” (s.d.).

Pode-se dizer que em exercícios como os que são propostos na Educomunicação, em que os alunos atuam também como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, é que a educação acontece (FREIRE, 1996). E este movimento não anula ou sequer diminui a posição do professor dentro de sala de aula; pelo contrário, contribui para que sua missão seja cumprida de forma plena:

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.

Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser, portanto, aprendido pelos educandos (Ibidem, p. 26).

Uma falha na realização do que havia sido proposto no início deste trabalho foi a ausência dos professores na segunda oficina, ou seja, na aplicação prática do que tratamos na primeira atividade. Este fato se deu devido à dificuldade para reunir os professores em horários extraclasse, conforme já foi relatado neste trabalho. Eles poderiam ter, na atividade, tirado dúvidas que por ventura surgissem durante a ação, e poderiam, talvez, experimentar o que diz Soares (2003) sobre a construção conjunta do conhecimento, em que o aprendizado não se dá de forma vertical, provocando possíveis alterações em toda a metodologia de trabalho do educador:

(,,,) o educador reconhece que não há mais monopólio da transmissão de conhecimento, e que não é só o professor que tem o direito da palavra. Os professores que introduziram os meios na escola, a imprensa, a televisão, puderam perceber que isso provoca mudanças profundas nos objetivos e nos métodos de ensino (ibidem, p.11).

O decorrer da oficina com os estudantes, no entanto, não perdeu em sua essência e não decepcionou em relação ao que se esperava de seus resultados. Os quatro áudios que tivemos como produtos apresentados se destacam em diferentes aspectos:

O primeiro grupo, formado por estudantes do IFB São Sebastião e também pelo CEM 01, optou por fazer um spot com frases que são comuns no dia a dia do brasileiro, mas têm discriminação de cunho racial em sua origem ou essência¹³. A ideia e escolha veio de uma integrante que tem é negra e tem família negra e, portanto, ouve discriminações do tipo desde a infância. Elas encerram o áudio com a frase “Às vezes, somos racistas sem perceber. Todos contra o racismo. Desnaturalize”, seguida da música “Eu tenho orgulho da minha cor”, do cantor Criolo, que diz: “*Eu tenho orgulho da minha cor/ Do meu cabelo, do meu nariz / Sou assim, sou feliz / Índio, caçador, caboclo, crioulo / Sou brasileiro*”. Este trabalho, a meu ver, caracteriza dois pontos: a criação de uma campanha contra a discriminação racial a partir de um chamado de atenção para a naturalização do preconceito no cotidiano; e o reforço de que os negros e brasileiros não devem se envergonhar de suas origens.

O segundo grupo, formado por alunos do IFB São Sebastião, simulou uma notícia na qual é criticada a segregação dos grupos que lutam pelos direitos humanos; defendendo a ideia de que todos devem promover ações conjuntas que atuem em defesa do ser humano¹⁴.

¹³ Disponível em <http://www.radiotube.org.br/audio-4724DYcGDsHSI>. Acesso em 14/out/2015

¹⁴ Disponível em <http://www.radiotube.org.br/audio-4724IQMSx4Taq>. Acesso em 14/out/2015.

O terceiro grupo foi formado por estudantes do IFB São Sebastião, que fez a simulação de um link (entrevista ao vivo realizada em local externo ao estúdio) no qual era relatada a notícia de que uma criança de 10 anos havia tomado banho com água sanitária para se tornar branca¹⁵. O áudio revela um “programa” de rádio no qual é possível perceber uma crítica ao formato de exploração dos personagens envolvidos na notícia, o que pode ser considerado sensacionalismo, comum atualmente em alguns canais de televisão.

O quarto grupo escolheu fazer uma radionovela que se passa dentro de uma agência bancária¹⁶. Uma atendente que é negra chama a senha de atendimento de um diplomata, que recusa receber o serviço das mãos dela e prefere esperar por outra funcionária, que é branca e tem olhos claros. Ao final, ele consegue o que quer devido ao seu “status” na sociedade. O trabalho faz uma crítica, ao mesmo tempo, ao racismo e à diferenciação de atendimento dado conforme a classe social do cliente.

Com os resultados, confirmou-se a afirmação de Couto (2008) sobre a promoção de uma “atuação ativa por parte do receptor” (p.102). Os estudantes superaram as expectativas quanto ao conteúdo de seus produtos, que trouxeram reflexões para além da questão racial; criticando também os formatos da mídia atual. Como diz Hoineff (2007), “a confiança no que está sendo dito pela mídia é bem menor” do que as informações transmitidas de forma individual por pessoas já conhecidas destes jovens. Esta criticidade irônica em relação aos produtos da mídia pode ser percebida no material produzido pelo grupo três, que optou por fazer um link em um programa de rádio.

Na atividade com os alunos, houve a carência de tempo para a finalização do trabalho; uma vez que era parte do objetivo inicial apresentar a eles a ferramenta Audacity e fazer com que eles tivessem um primeiro contato com o editor de áudio. A partir de então, poderíamos ter também feito uma conversa mais aprofundada sobre os trabalhos do grupo; coisa que fiz de forma mais rápida do que o desejável enquanto eles realizavam os seus trabalhos. A forma que encontramos para mostrar a eles o material que resultou da oficina, além de oferecer o meu contato para o caso de eles quererem fazer algo parecido com outras atividades da escola, foi publicando no blog do Projeto Salto que foi criado e é atualizado para eles.

Mesmo com a falta de tempo para a realização da atividade completa, acredito que o resultado do trabalho foi positivo. Após a exposição de conceitos da comunicação e do debate feitos na primeira parte, os participantes da oficina demonstraram bastante autonomia na realização dos materiais finais; sendo necessárias poucas intervenções e novas explicações sobre o processo. Os estudantes demonstraram facilidade em compreender os formatos radiofônicos que foram apresentados, confirmando a exposição feita por Hoineff (2007).

¹⁵ Disponível em <http://www.radiotube.org.br/audio-4724HZM7R9sAU>. Acesso em 14/out/2015.

¹⁶ Disponível em <http://www.radiotube.org.br/audio-4724rLj5U6ViD>. Acesso em 14/out/2015.

Alguns deles disseram estar familiarizados também com ferramentas digitais que podem fazer a finalização de produtos em formato de áudio, como o Audacity – utilizado neste trabalho –, além de outros para vídeo ou produção gráfica como folders, banners e cartazes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como o CEM 01 de São Sebastião, onde as atividades interventivas deste trabalho foram realizadas, existem diversas instituições de ensino pelo país que dispõem de materiais propícios ao trabalho com ferramentas de comunicação, mas são sub-utilizadas ou até mesmo ficam guardadas por falta de mão de obra técnica que possa manuseá-las. Acredito ser de fundamental importância a atenção para projetos que estimulem o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nestes espaços, para aproveitar inclusive a afinidade que crianças e jovens das novas gerações têm com esses materiais.

Um fator que se observa nas escolas é, também, a falta de estímulo para que professores busquem atividades diferenciadas para desenvolver com seus alunos, tirando-os da rotina escolar comum, ou seja, mantendo-os *dentro da caixa*. As cargas horárias pesadas e exigências pelo cumprimento do currículo acabam inviabilizando o planejamento e execução de projetos extras ou outros métodos de ensino. É importante se atentar também para o bem-estar desses profissionais, pela sua importância não só no ambiente escolar, mas pelo impacto que seu trabalho tem na sociedade como um todo.

As atividades interventivas deste trabalho me deram a oportunidade de conhecer projetos como o Heroínas sem Estátua, desenvolvido também no CEM 01, em que estudantes têm a oportunidade de pesquisar e homenagear mulheres da história que não tiveram, na opinião deles, o devido reconhecimento por seus feitos. Com ideias como esta; e após a realização das oficinas de educomunicação na escola, pode-se afirmar que promover uma escola diferenciada não é um esforço desumano: projetos simples podem, sim, ser bem executados, gerando bons e produtivos resultados.

Após a participação no curso de Especialização em e Para Direitos Humanos, eu, como profissional de comunicação, acredito que há muitos ofícios cujos profissionais podem contribuir com o ambiente escolar. Minha atividade de intervenção reuniu a comunicação e a educação; e acredito que da mesma forma podem haver ações de união da saúde, do meio ambiente, da arte ou do direito com a educação.

Ainda temos, no país como um todo, escolas que se preocupam em cumprir o currículo comum e deixam de lado a formação dos jovens enquanto cidadãos; e não apenas como candidatos preparados para um vestibular ou concurso público: são centros de treinamento e não escolas, como dizia Rubem Alves (2012).

Falando sobre a educomunicação e a cidadania, o professor Ismar de Oliveira Soares (2003) afirma que a Educação significa educar “para a tomada de consciência e o exercício dos direitos e deveres do cidadão”. Acredito que precisamos, como sociedade, pensar na educação que temos e na educação que queremos. E “pela Educomunicação, tais utopias

ganham significado, relevância, atualidade e, no momento, legitimidade” (Ibidem, p. 12). É urgente a necessidade de pensar a formação de crianças jovens mais tolerantes e respeitosas; mais confiantes de si e preparadas para receber – e conviver – com o diverso.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. Campinas, SP: Papirus, 9ª edição, 2012.

BONA, Nívea; CONTEÇOTE, Marcelo Luis; COSTA, Laílton. Kaplún e a Comunicação Popular. In *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional*, Ano 11 n.11, jan/dez 2007. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/viewFile/931/990>. Acesso em 18 de agosto de 2015.

COUTO, Heloisa Helena Oliveira de Magalhães. *Vídeos@ juventudes. br: Um estudo sobre vídeos compartilhados por jovens na Internet*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp069684.pdf>. Acesso em 05 de setembro de 2015.

DUARTE, Rosina. *S.O.S. Comunicação: estratégias para divulgação do terceiro setor*. Porto Alegre: Ed. Tomo, 2002.

FERREIRA, Giovandro Marcus; MAGALHÃES, Daniella Rocha. Juventude e Comunicação: pluralidade e diversidade social. In BARBOSA, Marinalva; MORAIS, Osvando J de. (Org.). *Comunicação, cultura e juventude*. São Paulo, Intercom, 2010, p. 157-168. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/03026c9bb67360675de39381ddbde65e.pdf>. Acesso em 14 de outubro de 2015.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

FRY, Peter. Política, Nacionalidade e o Significado de Raça no Brasil. In BETHELL, Leslie (Org.). *Brasil: fardo do passado, promessa do futuro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. e GOMES, Nilma Lino. Panorama de Implementação da Lei No 10.639/2003: Contribuições da pesquisa Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola. In SILVA, Tatiana Dias e GOES, Fernanda Lira (Org.). *Igualdade racial no Brasil: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes*. – Brasília: Ipea, 2013. Disponível em http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/images/stories/pdf/livro_igualdade_racialbrasil01.pdf. Acesso em 16 de agosto de 2015.

MATTOS, Sérgio. O imaginário da juventude, a televisão e as tecnologias digitais. In BARBOSA, Marinalva; MORAIS, Osvando J de. (Org.). *Comunicação, cultura e juventude*. São Paulo, Intercom, 2010, p. 135-156. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/03026c9bb67360675de39381ddbde65e.pdf>. Acesso em 14 de outubro de 2015.

MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem*. São Paulo:

Cultrix, 1971.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PERUZZO, Cicília M. K. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. 3a ed., Petrópolis: Vozes, 2004. Disponível em http://ciciliaperuzzo.pro.br/?page_id=39. Acesso em 23 de agosto de 2015.

PONTE, Cristina. Jovens e internet: discutindo divisões digitais. In BARBOSA, Marinalva; MORAIS, Osvando J de. (Org.). *Comunicação, cultura e juventude*. São Paulo, Intercom, 2010, p. 47-72. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/03026c9bb67360675de39381ddbde65e.pdf>. Acesso em 14 de outubro de 2015.

SILVA, Ana Célia da. *A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?*. Salvador: EdUFBA, 2011. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8688>. Acesso em 02 de dezembro de 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Mas, afinal, o que é educomunicação?* São Paulo, 2004. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>. Acesso em 02 de dezembro de 2014.

_____. *Perfil do Educomunicador*. São Paulo, 1999. Texto disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/29.pdf>. Acesso em 03 de setembro de 2015.

_____. *Uma educomunicação para a cidadania*. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação Educativa, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 2 a 6 set. 2003. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>. Acesso em 02 de dezembro de 2014.

_____. *Ecosistemas Comunicativos*. São Paulo, s.d. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/28.pdf>. Acesso em 14 de outubro de 2015.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1999.

ANEXOS

1. Cartilha para professores

Educomunicação no combate ao racismo

Formas de usar os meios de comunicação na quebra de estereótipos e combate ao racismo em ambiente escolar

Olá, professor!

Esta é uma cartilha para te dar ideias sobre como trabalhar a educomunicação com seus alunos, especialmente no combate ao racismo dentro de sua escola.

A **Educomunicação** é uma vertente da comunicação que se une à educação para:

- 1) integrar as práticas educativas ao estudo dos sistemas de comunicação;
- 2) criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, e
- 3) melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

Com o uso de ferramentas e produtos de comunicação, você pode ajudar seus alunos a desenvolver um pensamento crítico relacionado à questão étnico-racial; na representatividade que o negro tem nos filmes, novelas e demais produções, passando pela abordagem de notícias quando há negros envolvidos, até a presença (ou não) do negro em propagandas publicitárias.

Para trabalhar o tema em sala de aula, algumas sugestões são:

- **Filmes e novelas** - como é a representação do negro nos filmes e novelas? Que personagens eles interpretam? Sugestão: curta-metragem *Cores e Botas*, de Juliana Vicente
- **Propagandas** - Os padrões mostrados se encaixam nos traços naturais do povo brasileiro? O negro é representado por essas propagandas?
- **Notícias** - como o negro é tratado nas notícias? Em que tipo de notícia ele mais aparece? Nas notícias, há relação entre o negro, sua renda e a forma de tratamento que lhe é dado?

Estes temas podem ser trabalhados com debates que estimulem a reflexão dos alunos em relação à sociedade, e também ao papel e lugar deles diante do mundo. Para que eles possam expressar esses pensamentos, pode-se estimular que eles façam alguns produtos de comunicação. Eles podem ter facilidade com diferentes habilidades: escrever, narrar, filmar, ser filmado, interpretar, narrar histórias. É importante deixá-los livres para a escolha de seus produtos e papéis.

Entre os produtos que são possíveis, os de rádio têm uma produção e finalização mais simples e rápida, tanto em relação ao tempo de produção, quanto ao acesso a ferramentas: você precisará apenas de um celular com gravador e o editor de áudio Audacity instalado no seu computador. Os formatos radiofônicos mais conhecidos são:

- Jingle** - é uma música usada para uma campanha, no rádio ou na televisão. O importante aqui (além do ritmo), é que a letra passe uma mensagem!
- Radionovela** - é aquela novela que a gente já conhece da televisão, mas adaptada para o rádio. Lembre-se que não temos, no rádio, o artifício da imagem. Por isso precisamos recriar o que a gente veria com efeitos sonoros, que podem ser desde efeitos da natureza (chuva, fogo, vento), até elementos do dia a dia (buzinas, sirenes, portas se abrindo) e pessoas em movimento (mãos digitando, pés caminhando).
- Spot** - é um áudio rápido que transmite uma mensagem. Pode ter uso de efeitos sonoros também e passar a mensagem de forma simples, ou como uma mini-radionovela.
- Notícia** - é o formato que estamos acostumados a ver na TV, ler no jornal ou ouvir no rádio. Pode ser um boletim; quando só o repórter dá a informação; pode ter sonora (quando um entrevistado é acrescentado ao boletim); e pode ainda ser um link; quando há participação de um repórter ao vivo de fora do estúdio da rádio.

Na internet há diversos tutoriais que ensinam como usar o Audacity, que tem também uma interface intuitiva, de fácil manuseio. Os alunos certamente terão facilidade para trabalhar com o programa, vão gostar de pesquisar efeitos sonoros e incrementar seus trabalhos!

Relembrando:

Para fazer os áudios, a gente usa:

- 1) Para gravar: um celular
- 2) Para editar: o Audacity (<http://audacityteam.org/download/> - é de graça!)
- 3) Para ter efeitos sonoros: o youtube tem vários! É só buscar pelo que você quer e converter para .mp3. Lá também tem uma lista de trilhas que podem ser usadas neste link: <https://www.youtube.com/audiolibrary/music> (atenção para os direitos autorais!)
- 4) Para converter: <http://www.clipconverter.cc/pt/> e <http://www.onlinevideoconverter.com/pt/mp3-converter>

Depois de prontos, é só mostrar para a turma nos resultados! Que tal publicá-los em alguma plataforma ou rede social onde todos possam acessá-los; ou organizar um momento para que todos possam se ouvir juntos?

2. Texto escrito para blog dos alunos¹⁷

Olá, pessoal!

Sou Ana Elisa Santana, jornalista, e tenho 28 anos. Alguns de vocês devem se lembrar de mim porque visitei a escola para fazer uma matéria sobre os trabalhos que vocês fizeram para o projeto Heroínas sem Estátua (não viu? Clica aqui:). Mas hoje eu estou aqui no blog para falar sobre a oficina de rádio que nós fizemos no dia 28 de agosto, dentro do Projeto Salto. Quem aí estava nela?

O tema principal da oficina foi o combate ao racismo; e nós fizemos algumas discussões muito proveitosas. Para isso, tivemos três bases:

*1) Nós assistimos ao filme *Cores e Botas*, que mostra a história de uma menina que queria ser Paqueta (para quem não conhece, aquelas ajudantes do antigo programa da Xuxa, que*

¹⁷ Disponível em <http://saltocentrao.blogspot.com.br/2015/11/oficina-de-educomunicacao-por-ana-elisa.html>. Acesso em 02 de dezembro de 2015.

fizeram sucesso nas décadas de 1980 e 1990). O problema é que ela fez um teste e, mesmo sendo a melhor entre as concorrentes, não conseguiu passar porque era negra.

2) Também falamos sobre duas notícias publicadas no G1 sobre tráfico de drogas. Uma delas falava que os acusados eram "jovens de classe média", e a outra falava que o acusado era "traficante"; a diferença é que os acusados da primeira moram em um bairro de classe média no Rio de Janeiro, e o segundo mora na periferia de Fortaleza.

3) Falamos sobre o fortalecimento da imagem das mulheres afrodescendentes que usam os seus cabelos crespos de forma natural; usando a propaganda dos produtos criados pela empresa Garnier especialmente para estas clientes.

A proposta que eu dei aos participantes foi que vocês fizessem um produto de rádio (spot, radionovela, jingle, notícia) que provocasse uma reflexão, empoderamento ou conscientização sobre o tema. Vamos relemburar como são esses formatos?

Jingle - é uma música usada para uma campanha, no rádio ou na televisão. O importante aqui (além do ritmo), é que a letra passe uma mensagem!

Radionovela - é aquela novela que a gente já conhece da televisão, mas adaptada para o rádio. Lembre-se que não temos, no rádio, o artifício da imagem. Por isso precisamos recriar o que a gente veria com efeitos sonoros, que podem ser desde efeitos da natureza (chuva, fogo, vento), até elementos do dia a dia (buzinas, sirenes, portas se abrindo) e pessoas em movimento (mãos digitando, pés caminhando).

Spot - é um áudio rápido que transmite uma mensagem. Pode ter uso de efeitos sonoros também e passar a mensagem de forma simples, ou como uma mini-radionovela.

Notícia - é o formato que estamos acostumados a ver na TV, ler no jornal ou ouvir no rádio. Pode ser um boletim; quando só o repórter dá a informação; pode ter sonora (quando um entrevistado é acrescentado ao boletim); e pode ainda ser um link; quando há participação de um repórter ao vivo de fora do estúdio da rádio.

Resultados

Estão curiosos para ouvir? Vamos lá! Nós fizemos cinco produtos; mas um deles - o jingle -

se perdeu quando fomos salvar na pasta :(Mas não tem problema :)

Vamos ouvir:

Grupo 1 - Alunos do IFB - Spot

Grupo 2 - Alunos do IFB - Notícia

Grupo 3 - Alunos do Centrão - Link

Grupo 4 - Alunos do Centrão - Spot/Mini-radionovela

Para fazer esses áudios, a gente usou:

1) Para gravar: um celular

2) Para editar: o Audacity (<http://audacityteam.org/download/> - é de graça!)

3) Para ter efeitos sonoros: o youtube tem vários! É só buscar pelo que você quer e converter para .mp3. Lá também tem uma lista de trilhas que podem ser usadas neste link: <https://www.youtube.com/audiolibrary/music> (atenção para os direitos autorais!)

4) Para converter: <http://www.clipconverter.cc/pt/> e <http://www.onlinevideoconverter.com/pt/mp3-converter>

Se você perdeu a oficina mas quer aprender a fazer produtos assim; pode entrar em contato comigo que eu ajudo! É só pedir o meu email para a professora Pilar, de Língua Portuguesa.

Pra mim, essa oficina foi muito legal! O que acharam? Contem pra gente nos comentários!

╰_(_?)_╯

3. Fotos da oficina com alunos

